

O PAPEL DO ENSINO SUPERIOR NA FORMAÇÃO PARA O ENSINO E PESQUISA

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA



A IMPORTÂNCIA DA ARTE E DO LÚDICO NO PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL, SÉRIES INICIAIS: UMA ALTERNATIVA DE TRABALHO ATRAVÉS DO PROJETO LUDIBUS DA FFC- UNESP

CORDEIRO, Ana Paula (UNESP/Marília)

INTRODUÇÃO

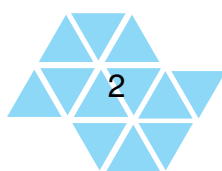
Neste texto relatamos a experiência de trabalho realizada pelo “Projeto LUDIBUS - o ônibus da alegria”, no campo das artes, do lúdico e da literatura infantil junto a escolas municipais de ensino fundamental do município de Marília- SP e sua importância no processo de formação dos graduandos do curso de Pedagogia da FFC- UNESP. O LUDIBUS é um projeto de extensão da Faculdade de Filosofia e Ciências- UNESP de Marília, que tem como principal característica a existência de um ônibus adaptado e adequado ao desenvolvimento do trabalho pedagógico no campo das artes, do lúdico e da literatura infantil. Para tanto, os bancos do ônibus circular destinado ao projeto foram retirados, de modo que todo o seu espaço pudesse ser aproveitado. No lugar dos bancos foram colocados baús coloridos que são utilizados para guardar o material didático - pedagógico do Projeto. Criado em 1999, o Projeto Ludibus se espelhou nas brinquedotecas itinerantes existentes em várias capitais e cidades brasileiras, geralmente mantidas por secretarias de cultura e turismo para desenvolver seu trabalho.

O Ludibus tem como proposta possibilitar às escolas de Ensino Fundamental experiências pedagógicas relacionadas à arte, à literatura e ao lúdico, que muitas vezes não são plenamente vivenciadas dentro do ambiente escolar, por serem tratadas como secundárias. Assim, a equipe do Projeto leva até às escolas sugestões de atividades para o desenvolvimento de um trabalho que privilegia e evidencia a importância dessas áreas para a formação integral dos alunos. Partimos do pressuposto de que a arte e o lúdico, como importantes elementos da cultura, não podem receber um tratamento secundário ao longo do processo educacional e de formação das crianças e dos professores que atuarão no ensino fundamental, nas séries iniciais.

Neste sentido, os principais objetivos do Projeto Ludibus são:

- sensibilizar os diretores e professores das escolas públicas envolvidas com o Projeto e os alunos do curso de Pedagogia da UNESP de Marília para o fato de que brincadeiras, atividades artísticas e literárias são importantes elementos da cultura e auxiliam para a formação integral do aluno;

- proporcionar aos alunos bolsistas e voluntários do curso de Pedagogia da FFC integrantes da equipe do Ludibus uma formação mais consistente, tendo em vista a experiência



adquirida durante a realização das ações do Projeto, que lhes possibilita aproximar teoria e prática;

- oferecer aos alunos do Ensino Fundamental oportunidades de vivências e aprendizagens através do lúdico, da arte e da literatura como elementos que integram a sua formação;

- conhecer as formas de pensar e as visões de mundo das crianças beneficiadas pelo Projeto através do trabalho de arte- educação realizado nas escolas.

Especificamente o projeto visa:

- realizar pesquisas junto às escolas parceiras do Projeto, tendo como foco as atividades lúdicas e artísticas como elementos integradores de diversas áreas do conhecimento;

- manter website (em funcionamento na página da FFC- UNESP de Marília) visando divulgar o trabalho realizado;

- manter arquivo das principais atividades realizadas nas escolas da rede, com amostras das produções, registros fotográficos e filmagens, a fim de construir um acervo-memória do projeto.

O trabalho desenvolvido pelo Projeto LUDIBUS integra a Universidade com as escolas e a comunidade, levando professores da rede pública e estudantes de graduação do curso de Pedagogia da FFC-UNESP de Marília, participantes das ações desenvolvidas, a trocarem idéias e experiências nas áreas da arte, do lúdico e da literatura. A experiência proporcionada aos alunos de graduação da UNESP através do trabalho realizado nas escolas públicas (estaduais e municipais) de Marília tem gerado discussões e reflexões acerca da realidade educacional e tem suscitado a elaboração de projetos de pesquisa e trabalhos de conclusão de curso relacionados às áreas do Projeto no interior da FFC- UNESP.

Organizar o trabalho com vistas à criação infantil é prioridade de nossa equipe, pois muitas das práticas pedagógicas relacionadas à arte e literatura, de acordo com relatos de graduandos do Curso de Pedagogia que desenvolvem estágios em diversas escolas, pautam-se em desenhos xerocados ou mimeografados e outras atividades que não permitem que a criança crie e expresse seu mundo através da arte, de forma lúdica e prazerosa. Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelo Projeto LUDIBUS visa privilegiar os processos de criação das crianças, seja através das artes plásticas, dos jogos tradicionais e teatrais, da educação para o movimento e literatura infantil.

Para que uma visão realmente diferente a respeito da arte e do lúdico perpassasse o dia a dia das escolas, torna-se necessária uma mudança de postura dos professores frente a estas áreas do conhecimento. Os cursos de formação de professores não costumam privilegiar em seus currículos disciplinas voltadas para as linguagens artísticas e a ludicidade como elementos da cultura, que trazem benefícios únicos para o ser humano e são, inclusive, integradores de diversos campos do conhecimento. O Projeto Ludibus visa fornecer elementos para um trabalho no campo artístico e lúdico e levar os graduandos do curso de Pedagogia da FFC- UNESP de Marília a refletirem e desenvolverem pesquisas ligadas a estas áreas.

DESENVOLVIMENTO

Como já explicitamos, as propostas do Ludibus visam integrar a Universidade às escolas públicas do município de Marília, incentivando o diálogo a respeito da arte e do lúdico entre graduandos da FFC, professores da rede pública e as crianças beneficiadas pelo Projeto, através de propostas pedagógicas que privilegiam momentos de criação. A formação da equipe de trabalho ocorre a cada início de ano letivo na Universidade, momento em que alunos bolsistas e voluntários integram-se ao projeto. No ano de 2006 havia dez alunos participantes das atividades ligadas ao Ludibus. No ano de 2007, temos doze, sendo cinco bolsistas (Núcleo de Ensino, BAAE e PROEX) e sete alunos voluntários. Inicialmente estes alunos passam a conhecer os objetivos do trabalho, as propostas utilizadas como estratégias de ação e o histórico do trabalho desenvolvido. Para iniciar as discussões, fornecemos aos alunos um referencial teórico pertinente aos temas relacionados à arte e ao lúdico. Fazem parte deste referencial autores como Huizinga (1990), Fischer(1971), Walter Benjamin (1984), Laban (1978), Viola Spolin (1979), entre outros, além dos Parâmetros Curriculares Nacionais- Arte (1997). O lúdico é estudado do ponto de vista histórico, como importante elemento da cultura e como base da civilização humana. Huizinga (1990) salienta que as grandes atividades arquetípicas da sociedade humana são, desde seu início, marcadas pelo jogo. Ele o define da seguinte forma:

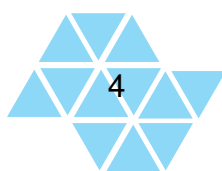
O jogo é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e de espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e de alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (1990, p. 33).

O jogo também está relacionado à afetividade, ao desenvolvimento da auto-estima, comunicação e interação social. A respeito da forma como nos relacionamos afetivamente, Walter Benjamin (1984) nos fala da essência do brincar. Para o autor, brincar não é um fazer “como se”, mas um fazer sempre “de novo”, transformação da experiência mais comovente em hábito. Diz ele:

“Pois é o jogo, e nada mais, que dá à luz todo hábito. Comer, dormir, vestir-se, lavar-se devem ser inculcados nos pequenos irrequietos através de brincadeiras. Todo hábito entra na vida como brincadeira, e mesmo em suas formas mais enrijecidas sobrevive um restinho de jogo até o final. Formas petrificadas e irreconhecíveis de nossa primeira felicidade, de nosso primeiro terror, eis os hábitos” (1984, p.75).

Jogar, brincar é, pois, formar hábitos, desenvolver a afetividade, socializar-se.

Quanto ao desenvolvimento de um trabalho voltado para as diversas manifestações artísticas, as propostas respeitam as crianças e buscam levá-las a interagir com seus pares e compreender melhor o mundo em que vivem através de suas vivências e cotidianidade. O trabalho



artístico proposto pela equipe do Ludibus encara a arte como linguagem e procura levar em conta o seu caráter dialético. A esse respeito, Ernst Fischer (1971) nos leva a refletir sobre a função da arte em nossa sociedade atual. Ele acompanha a evolução das artes da pré-história até nossos dias e fundamenta seu trabalho a partir de uma visão marxista, à medida em que vê a função da arte de maneira dialética e inserida na sociedade de classes.

O mundo capitalista cria dualidades, separa razão e emoção. A arte precisa remover esse conflito, ultrapassá-lo. Para Fischer, a função da arte não é única e se transforma com um mundo que está em constante transformação. Mas ela guarda também, através dos tempos, elementos contínuos e comuns. Isso quer dizer que a humanidade não é apenas uma contraditória descontinuidade, mas é também continuidade. O antigo e o novo permanecem em nós, mesmo que não percebamos. Para Fischer, a arte nos aproxima do real de forma dialética, através da razão e da emoção, do novo e do antigo, da identificação e não identificação, do desejo de compreender o mundo para melhor transformá-lo. A função essencial da arte num mundo dividido em classes deve ser a de esclarecer e incitar à ação, mas não podemos nos esquecer que a arte também guarda algo de sua magia primitiva. É exatamente isso que o Projeto Ludibus, com suas propostas de ação, visa promover: reflexão, mudanças, transformação, sem deixar de levar em conta a magia contida no processo de criar, de fazer e compreender a arte.

AS REUNIÕES SEMANAIS COM A EQUIPE DO PROJETO LUDIBUS

Desde o ano de 2005, quando começamos a coordenar o Projeto, a equipe do Ludibus reúne-se todas as terças feiras, das 14:00 às 17 horas, para leituras e discussões de textos, elaboração das propostas didático- pedagógicas a serem desenvolvidas nas escolas, organização do material do ônibus e preparação de material didático a ser utilizado nos encontros com as crianças das primeiras séries do Ensino Fundamental. A equipe desenvolve as propostas de trabalho semanalmente, todas as quintas feiras, numa escola que estabeleceu parceria fixa com o Projeto, a EMEF Nivando Mariano dos Santos, localizada no Jardim Santa Clara, na zona sul da cidade de Marília. Também estabelecemos outras parcerias, mais esporádicas, com escolas municipais e estaduais de Ensino Fundamental. Além de desenvolver um trabalho didático - pedagógico em escolas da cidade, o Projeto Ludibus tornou-se parceiro da Secretaria Municipal de Cultura através da sua participação no PIC- Programa de Integração Comunitária- organizado por esta Secretaria, que tem por objetivo levar arte, lazer e cultura aos bairros periféricos da cidade de Marília e da Secretaria do Verde e Meio Ambiente, através de propostas de atividades artísticas e lúdicas especificamente voltadas para o tema do meio ambiente, desenvolvidas no Bosque Municipal de Marília junto a alunos das séries iniciais do Ensino Fundamental.

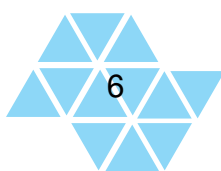
Ações diferentes são desenvolvidas com cada parceria firmada. Na EMEF Nivando Mariano dos Santos há a realização de um trabalho contínuo, que privilegiou no ano de 2006 o trabalho com artes visuais e com jogos teatrais e no ano de 2007 tem privilegiado atividades voltadas para a literatura infantil, como leituras, contação e dramatização de histórias.

Nas visitas feitas de forma mais esporádica a várias escolas e instituições de ensino da cidade, a equipe tem levado as crianças a conhecerem o ônibus e todo o material existente nele, como jogos, brinquedos, máscaras, fantasias, material para desenho e pintura, fantoches, livros de história da arte e de literatura infantil, além da gibiteca que o Projeto possui. As crianças são instigadas a manusear todo este material de forma lúdica e criativa, jogando, pintando, desenhando e criando histórias ao manusearem os fantoches, as máscaras e fantasias.

Nas atividades do PIC (Programa de Integração Comunitária), ligado à Secretaria de Cultura de Marília, a equipe do Projeto tem oferecido oficinas rápidas de desenho e pintura, privilegiando propostas simples e criativas e disponibiliza o acervo literário do ônibus à população presente no evento, que ocorre aos domingos, a cada dois meses, em bairros da periferia da cidade.

No ano de 2007 também fomos procurados pela Secretaria do Verde e Meio Ambiente para estabelecermos uma parceria, na qual o Projeto estivesse inserido na problemática do meio ambiente fornecendo subsídios e elaborando atividades para tratar deste tema de forma artística e lúdica. A partir do convite feito a equipe inseriu em suas discussões propostas de atividades pertinentes ao tema e quais subtemas poderiam ser privilegiados nos encontros com as crianças realizados no Bosque municipal da cidade. Alguns subtemas surgiram a partir das discussões realizadas, tais como: o uso racional e parcimonioso da água, as atitudes e relações entre as pessoas nos meios urbanos, que podem melhorar ou piorar a vida dos moradores das cidades e, inseridas neste subtema, a questão da responsabilidade em relação ao lixo doméstico produzido pelos cidadãos e o destino, muitas vezes inadequado, dado a ele, como queimar este lixo ao invés de acondicioná-lo corretamente em sacos adequadamente lacrados para que possam ser recolhidos pela coleta. A questão da coleta seletiva também foi abordada nas discussões da equipe. Depois dessa primeira etapa, o trabalho começou a ser realizado no Bosque Municipal da cidade e tem contado com a participação de escolas públicas municipais de Ensino Fundamental do município.

Tal como apresentamos, as reuniões com os alunos da equipe do Projeto ludibus configuram-se em momentos de estudos, discussões, preparação e organização das ações a serem desenvolvidas em escolas, comunidades de bairros e outros espaços públicos, como o Bosque Municipal de Marília. Todo o trabalho realizado suscitou, inclusive, a criação do GEALE (Grupo de Estudos sobre Arte e Ludicidade na Educação), no qual participam alunos ligados à equipe do Ludibus, estudantes do curso de Pedagogia e de Ciências Sociais. Desta forma, buscamos fazer com que o conhecimento teórico enriqueça as ações do grupo e o trabalho prático desenvolvido nas escolas, estabelecendo um rico diálogo entre graduandos do curso de Pedagogia que integram a equipe do Projeto, professores e diretores da rede pública municipal e estadual e alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental.



RESULTADOS

OFICINAS ARTÍSTICAS E LÚDICAS REALIZADAS NA EMEF NIVANDO MARIANO DOS SANTOS

O trabalho de formação e preparação da equipe para o desenvolvimento de atividades artísticas e lúdicas nas escolas, sempre com vistas à criação das crianças, levou o Projeto a cumprir seus objetivos, os quais destacamos os de contribuir para a formação profissional dos graduandos do curso de Pedagogia da FFC e de levar as crianças a elaborarem trabalhos originais, a comunicarem-se através das diversas linguagens artísticas e a falarem de si e de sua cotidianidade através dos trabalhos criados. Apresentaremos aqui algumas das atividades desenvolvidas nos anos de 2006 e 2007 na EMEF Nivando Mariano dos Santos.

CONHECENDO MELHOR CORES E MATERIAIS PARA O TRABALHO COM ARTES VISUAIS

Esta proposta visou o desenvolvimento de atividades voltadas para a livre experimentação das crianças relacionadas a suportes e materiais para desenho e pintura. Disponibilizamos, inicialmente, (durante pelo menos três semanas), em nossas visitas à escola, papéis variados, lápis de cor, canetinhas, giz de cera, tintas guache e para pintura a dedo, barbantes e outros materiais para a experimentação das crianças e confecção de trabalhos individuais e em grupos. As crianças desenvolveram desenhos livres e puderam manusear à vontade todo o material a elas disponibilizado. A equipe do Projeto Ludibus orientava sobre as cores, fazia a distinção entre cores primárias e secundárias, auxiliava as crianças a misturarem tintas para criar cores novas. Por vezes as crianças perguntavam se poderiam utilizar as cores que quisessem e pintar os desenhos com canetinhas coloridas. As crianças eram orientadas a fazer seus experimentos e a utilizar todo o material sem se preocupar em utilizar tons naturalistas nos desenhos. Por exemplo, se uma criança desejasse pintar seu gato de azul, deveria fazê-lo. As canetinhas poderiam ser usadas para pintar os desenhos tanto quanto os lápis. Muitas vezes, por questão de economia, pais e professores orientam as crianças para que façam o contorno dos desenhos com canetinhas e que pintem a parte interna com lápis de cor. As crianças, logo no início das atividades, perceberam que poderiam manusear todo o material disponível como desejassem. A equipe também orientava as crianças em relação aos cuidados para com o material fornecido. Elas eram solicitadas a forrar com jornais o chão do ônibus e dos locais onde as atividades aconteciam, a fechar as tampas dos pincéis atômicos e canetinhas para que não secassem, a lavar os pincéis sujos de tinta, a não sujar a escola com as tintas, a guardar todo o material depois de utilizado. Enfim, as crianças aprendiam a manusear o material e a cuidar dele, tendo consciência de que poderiam utilizar tudo o que desejassem. Desta forma, as crianças elaboraram seus trabalhos em folhas de papel sulfite, papel manilha, cartolina; trabalharam com a questão dos limites no desenho utilizando barbantes e fios de lã; perceberam a importância do suporte e do tamanho do papel no processo

de criação de trabalhos. Em uma das propostas, a da “fotografia desenhada”, pedimos às crianças que pensassem em algo (pessoa, paisagem, objeto) que quisessem fotografar. Distribuímos cartolinas cortadas em tamanho de 10 x 15 cm e pedimos às crianças que desenhassem aquilo que gostariam de fotografar. Trabalhos originais e muito coloridos resultaram desse processo. Em outras ocasiões, as crianças se reuniam em grupos de quatro pessoas, pensavam num tema e elaboravam seus trabalhos em grandes pedaços de papel manilha. Estas atividades de experimentação propiciaram segurança às crianças e a certeza de que em nenhum momento seriam tolhidas em seus processos de criação.

TRABALHANDO O CORPO HUMANO

Esta proposta propiciou a elaboração de algumas atividades relacionadas ao conhecimento do próprio corpo, além de suas possibilidades de movimentação. Utilizamos de jogos teatrais e de oficinas de educação para o movimento tendo como base os trabalhos de Viola Spolin (1979) e Rudolf Laban (1978). Em uma das oficinas, ocorrida na quadra de esportes da escola, delimitamos o espaço que utilizaríamos e conversamos com as crianças a respeito do espaço que tínhamos para trabalhar, que nos locomovemos diariamente em espaços variados e que, muitas vezes, não utilizamos toda nossa capacidade de movimentação. As crianças fizeram vários comentários sobre seus corpos e suas possibilidades de movimentos. Segundo Laban (1978), o homem, mais que qualquer outro animal, possui uma gama enorme de movimentos e é capaz de tornar seu corpo expressivo através deles. Também leva vantagem sobre os outros animais, pois é capaz de refletir sobre seus movimentos e mudar padrões de movimentação. Depois da conversa, partimos para o trabalho prático, que foi realizado com duas terceiras séries da escola. As crianças caminharam pelo espaço movimentando de diferentes formas pés, pernas, tronco, braços, mãos, cabeça, pescoço. Pedimos a seguir que as crianças imaginassem várias situações que interferem na caminhada. Por exemplo: caminhar como se pisassem num chão muito quente; com um vento muito forte; com a chuva caindo; pisando em flocos de algodão. Em duplas, realizaram uma série de jogos e brincadeiras, tais como:

-exercício do espelho: duas crianças ficam de frente uma para outra. Uma delas realizará movimentos e a outra, que será o espelho, deverá realizar os mesmos movimentos simultaneamente.

-escultura: uma criança será o escultor e a outra a argila. O escultor dará forma ao corpo do outro e criará posições nas quais aquele que é a massa da escultura deverá permanecer, até que o escultor mude a posição anterior.

-caminhar pela sala com os companheiros unidos pelas costas. Deve haver uma busca de sincronia na caminhada.

Encerramos o trabalho pedindo às crianças que pensassem num brinquedo. Cada uma delas seria um brinquedo que, à noite, ganha vida numa loja mágica. Vários “brinquedos” surgiram através dos movimentos dos corpos das crianças: carrinhos, bonecas, bolas, aviões, etc.

Em relação às artes visuais, as crianças elaboraram desenhos tendo como tema a

figura humana. Também trabalhamos com recortes de revistas apresentando às crianças partes do corpo humano. Elas elaboraram composições com desenhos, recortes e colagem. Sempre conversávamos com as crianças sobre suas criações.

HISTÓRIAS E OUTRAS SURPRESAS

A equipe do Projeto elaborou tardes de contação de histórias e outras atividades a serem realizadas com as crianças relacionadas às histórias contadas. Foram contadas as histórias: “Dona Baratinha”; “Marcelo, marmelo martelo”, de Ruth Rocha; “Uxa, ora fada, ora bruxa”, de Sylvia Orthof, além de histórias elaboradas pelos próprios integrantes da equipe do Projeto. Depois das histórias, outras atividades ocorriam, tais como rodas de conversa sobre a história, elaboração de textos curtos, de desenhos, dramatizações com fantoches.

Estas são algumas das muitas atividades realizadas na EMEF “Nivando Mariano dos Santos”. Desenvolvemos um trabalho voltado para várias formas de linguagens artísticas. A arte e o lúdico foram privilegiados através de oficinas variadas: artes visuais, jogos teatrais, literatura infantil, elaboração de textos. Idealizamos o trabalho a fim de conhecer melhor as crianças: o que pensam, quais seus gostos, idéias, anseios, medos, visões de mundo. A temática das oficinas sempre era explicitada no início do trabalho. Depois de conversas informais com as crianças tentávamos explicar a proposta de maneira agradável, sempre buscando suas opiniões e ressaltando que ali poderiam dizer tudo o que quisessem, dentro da idéia de respeito mútuo. O diálogo, que sempre precedeu as oficinas, buscava que as crianças avaliassem, ao longo do trabalho, tudo aquilo que estavam produzindo.

Quanto às respostas das crianças às atividades oferecidas pelo Projeto, podemos dizer que foram muito positivas e acreditamos ter cumprido os objetivos propostos. Na EMEF “Nivando Mariano dos Santos”, onde o trabalho foi desenvolvido semanalmente, as crianças esperavam ansiosas pela chegada do Ludibus e equipe. A aproximação das crianças com os graduandos da equipe do Projeto se deu de forma rápida e tranqüila. Através das artes visuais, dos jogos tradicionais e brincadeiras, do teatro, da literatura, as crianças criaram seus trabalhos, mostraram muito de seu mundo e sua cotidianidade. Nas oficinas intituladas “Conhecendo melhor cores e materiais para o trabalho com artes visuais”, as crianças puderam criar seus desenhos livremente e pintá-los com as cores que desejassem. Entre os trabalhos elaborados, chamou-nos a atenção o desenho de um menino da 2ª série do período da tarde. Seu desenho mostrava um submarino azul envolvido por um fundo preto e vermelho. Ao explicitar seu trabalho, ele disse que o desenho representava a guerra e a poluição do planeta Terra. Outra criança desenhou a casa na qual iria morar no futuro. Mas disse que não sabia se iria colorir seu desenho. Perguntado sobre o porquê de não colori-lo, a criança respondeu que “meu pai briga com a minha mãe e isso não é alegre!” A criança complementou sua argumentação dizendo que a alegria é colorida e, portanto, se não estamos alegres, o desenho também não deve ser tão colorido. Podemos perceber, através destes dois exemplos, o quanto as crianças falam de si, de seu mundo, de suas idéias

através das obras que criam. Os temas, as formas e cores que utilizam relacionam-se com seus anseios, sonhos, medos e decepções cotidianas.

CONCLUSÃO

A importância do projeto Ludibus para o processo de formação dos graduandos do curso de Pedagogia da FFC- UNESP, no campo das artes, do lúdico e da literatura infantil.

O trabalho desenvolvido pela equipe do Projeto Ludibus propiciou aos graduandos do curso de Pedagogia da FFC- UNESP de Marília, a oportunidade de vivenciar, em seu processo de formação, experiências no campo da arte, da literatura infantil e da ludicidade através de estudos, discussões, elaboração e desenvolvimento de propostas de atividades junto às crianças das primeiras quatro séries do Ensino Fundamental, em escolas, comunidades de bairros e outros espaços da cidade de Marília- SP. Nossas observações nos levam a concluir que, ao longo do trabalho desenvolvido, os graduandos integrantes da equipe do Ludibus perceberam a importância de um trabalho que privilegia a arte e o lúdico como importantes elementos da cultura e como áreas integradoras de conhecimentos. Os graduandos integraram-se aos ambientes escolares e comunitários, espaços privilegiados para o aprendizado, interagiram com diretores de escolas, com professores, alunos do ensino fundamental e trabalharam o tempo todo responsabilizando-se pelas atividades propostas. Nas escolas, o trabalho foi todo de regência. Em nenhum momento os graduandos apenas observaram ou ficaram passivos diante das propostas. Ao contrário, organizaram em conjunto com professores os melhores horários para o desenvolvimento das atividades, participaram de reuniões na EMEF Nivando Mariano dos Santos e dirigiram os trabalhos em sala de aula e no interior do ônibus.

As atividades desenvolvidas a partir dos estudos relacionados à arte, à literatura e ao lúdico geraram projetos de pesquisa e no ano de 2006 houve a defesa, na FFC, de dois trabalhos de Conclusão de Curso relacionados ao Projeto. Os graduandos também participaram constantemente de eventos de caráter acadêmico - científico, apresentando comunicações orais e painéis. Além do trabalho relatado, a equipe do Projeto também registrou as atividades desenvolvidas através de fotos, relatórios e organização da página do Ludibus, que se encontra no site da FFC- UNESP de Marília.

Os graduandos da equipe do Ludibus interagiram com as crianças, levando-as a compreenderem com clareza todas as atividades propostas e auxiliaram-nas a realizá-las, orientando, dialogando e incentivando as crianças, que, em resposta às propostas, criaram e falaram de si e de seu mundo através da arte e da ludicidade. O Projeto Ludibus, ao longo de sua existência, tem buscado cumprir seu papel de trabalho itinerante levando, através do ônibus lúdico, a arte, a criação e a alegria às escolas e bairros da cidade de Marília, auxiliando na multiplicação de agentes culturais, que acreditam que o lugar da arte e do lúdico é na escola e que estas áreas do conhecimento devem ser garantidas pela educação formal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Reflexões: A criança, o brinquedo, a educação. São Paulo: Summus, 1984.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte/Secretaria da Educação Fundamental. Brasília: MEC/SE, 1997.

FISCHER, E. A necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

HUIZINGA, Johan. Homo ludens: O jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 1990. 2.ed.

LABAN, R. Domínio do Movimento. Ed. organizada por Lisa Ullman. São Paulo: Summus, 1978.

SPOLIN, V. Improvisação para o teatro. São Paulo: Perspectiva, 1979.

EDUCAÇÃO EM DIREITOS HUMANOS: PERCEPÇÃO DE RELATOS, RELAÇÕES E COMPORTAMENTOS

JESUS, Heyde Aparecida Pereira de; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino (UNESP/Marília)

INTRODUÇÃO

Se as declarações e os documentos que nas últimas décadas foram elaborados contemplando os direitos humanos são importantes, bem como a legislação que garante para todas as pessoas os direitos civis, políticos, sociais e culturais, a concretização desses direitos, na prática, não se realizam de imediato ou naturalmente. Há que haver também um investimento na educação em direitos humanos para que possa fazer parte não só das políticas, mas das práticas na vida em sociedade. Nessa perspectiva, o presente artigo aborda parte dos resultados de uma pesquisa de iniciação científica que está sendo realizada numa escola pública de periferia da rede estadual de ensino de Marília (SP) e que tem como objetivos conhecer a concepção, se e como a escola trabalha a educação em direitos humanos.

DEMOCRACIA E DIREITOS HUMANOS

Conforme Benevides (1998), o Estado democrático brasileiro foi fundamentado num modelo de Estado de concepção neoliberal no qual se observa a supremacia dos direitos políticos sobre os direitos sociais. Isso leva a assistirmos constantes violações dos direitos mais elementares com um aumento cada vez maior de indivíduos excluídos do processo de desenvolvimento, destituídos das condições de dignidade humana. De acordo com Brandão (2002, p. 173)

O Brasil contemporâneo é o país das contradições medievais. Perante a lei somos todos iguais, mas nas condições materiais existe desigualdade de direitos. Podemos tomar como exemplo ilustrativo na zona rural a coexistência de latifúndios e acampamentos de trabalhadores rurais sem terra na maioria dos estados brasileiros. Na zona urbana, a coexistência de condomínios luxuosos e favelas sem condição digna de moradia. O Brasil é um dos únicos países que consegue manter milhões de crianças trabalhando no final do século XX ao mesmo tempo em que mantém incontável número de homens e mulheres desempregados.

Pensa-se, então, em formas de possibilitar o respeito e a eficácia desses direitos humanos universalmente consagrados. Nessa perspectiva, a educação em direitos humanos é vista como um dos caminhos necessários para a efetivação dos direitos mais elementares e para a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

A educação em direitos humanos, segundo Horta (2000), situa-nos em uma posição

crítica em relação ao modelo neoliberal vigente e nos impele a desvendar sua racionalidade, suas implicações sociopolíticas e seus pressupostos éticos, pois promover processos educacionais sem questionar o paradigma hegemônico significa esquivar-se da responsabilidade política da educação em relação ao presente e futuro. Com base nessa ótica de educação, deve-se propor uma ética que enfatize o público, a solidariedade e o bem comum.

De acordo com Zenaide e Tosi (2004), após a Constituição de 1988, o Estado Democrático admite os direitos humanos como parte integrante do arcabouço jurídico e institucional, das políticas sociais e da cultura democrática, o que torna a educação em direitos humanos tema central integrante da política de Estado.

Desta maneira, evidencia-se que, a discussão sobre a necessidade de educação em direitos humanos não é recente. O Programa Nacional de Direitos Humanos II, lançado pelo governo federal em 2002 dedicou uma parte à educação com propostas para curto, médio e longo prazo, dentre eles “[...] criar e fortalecer programas para o espírito aos direitos humanos nas escolas do ensino fundamental e médio através do sistema de temas transversais, assim como de uma disciplina sobre direitos humanos.” (BRASIL, 2002).

Em 2003, o Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos lançou o Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos (PNEDH), apoiado em documentos internacionais e nacionais em respaldo à Década da Educação em Direitos Humanos (1995-2004), prevista no Programa Mundial de Educação em Direitos Humanos e seu Plano de Ação da Organização das Nações Unidas (ONU), do qual o Brasil é signatário. O PNEDH (2003) propõem que a educação seja direcionada para o fortalecimento do respeito dos direitos humanos e liberdades fundamentais do ser humano, pleno desenvolvimento da personalidade e senso de dignidade, prática da tolerância, do respeito à diversidade de gênero e cultura, da amizade entre todas as nações, povos indígenas e grupos étnicos e lingüísticos e a possibilidade de todas as pessoas participarem efetivamente de uma sociedade livre.

Visto que, de acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos esses direitos são comuns a todos os seres humanos sem distinção alguma de etnia, nacionalidade, sexo, classe social, nível de instrução, religião, opinião política, orientação sexual, ou de qualquer tipo de julgamento moral, ou seja, são aqueles direitos que decorrem do reconhecimento da dignidade intrínseca de todo o ser humano, então o que significa dizer educação em direitos humanos? De acordo com Benevides (2003, p. 309-310)

a educação em direitos humanos é essencialmente a formação de uma cultura de respeito à dignidade humana mediante a promoção e a vivência dos valores da liberdade, da justiça, da igualdade, da solidariedade, da cooperação, da tolerância e da paz. Portanto, a formação desta cultura significa criar, influenciar, compartilhar e consolidar mentalidades, costumes, atitudes, hábitos e comportamentos que decorrem, todos, daqueles valores essenciais citados, os quais devem se transformar em práticas.

Ainda conforme argumenta a autora, essa educação parte de três pontos essenciais.

No primeiro caracteriza tal educação de natureza permanente, continuada e global. Segundo volta-se para uma educação para a mudança e no terceiro aspecto refere-se a cultivação de valores para atingir corações e mentes e não apenas instrução, meramente transmissora de conhecimentos.

Considerando “a noção de que o processo educacional, em si, contribui tanto para conservar quanto para mudar valores, crenças, mentalidades, costumes e práticas” (BENEVIDES, 1996, p. 225), a questão da educação é bastante complexa e “requer a explicitação de um posicionamento claro por parte do educador, por poder desempenhar o papel de agente social transformador”, conforme também afirma Dornelles (2006, p. 2). Concordamos com Fester (2006) que a experiência cultural do professor é determinante em sua prática pois cremos que somente à medida que o educador) valorizar as virtudes da cidadania, democracia, ética, justiça, solidariedade poderá transmiti-las aos seus alunos e alunas.

Aqui vale salientar a importância da postura do educador e da educadora, pois “um grande desafio da educação em Direitos Humanos é o fato de esta perspectiva educativa [...] exigir do professor uma postura política.” (MORGADO, 2006, p. 11).

Para Dallari (2004), o papel político do professor tornar-se perceptível a partir da possibilidade que o mesmo tem de influenciar a vida social, principalmente no que tange a fixação de valores e padrões de convivência, tarefa essencial para construção de uma sociedade justa em que a dignidade da pessoa humana seja efetivamente promovida enquanto valor e realidade. Entretanto, o autor salienta que o cumprimento desse papel, voltado à valorização da pessoa humana, demanda do professor um bom domínio de noções de democracia, direitos humanos e cidadania, além da necessidade de estar sempre atento à história, por ser nela que as grandes doutrinas e seus principais conceitos acerca dos direitos humanos, cidadania e democracia encontram suas origens e explicações.

Evidência - se que a educação em direitos humanos apresenta grande relevância na tarefa indispensável para a defesa, o respeito, a promoção e a valorização dos direitos humanos em tempos tão difíceis.

Ressaltando que a pesquisa encontra-se em desenvolvimento, optamos para este momento fazermos uma breve explanação sobre os instrumentos utilizados para coleta de dados e a seleção da sistematização de alguns dados preliminares a partir da observação participante.

OS CAMINHOS E INSTRUMENTOS DA PESQUISA:

A presente pesquisa é um estudo de caso etnográfico, em uma abordagem qualitativa, visto que o nosso objeto de estudo ficou delimitado apenas a uma escola. Esta abordagem parte do pressuposto de que as “pessoas agem em função de suas crenças, percepções, sentimentos e valores e seu comportamento tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser desvelado” (ALVES, 1991, p.54)

No estudo de caso, “o objeto é tratado como único, uma representação singular da

realidade que é multidimensional e historicamente situada” (LUDKE e ANDRÉ, 1986, p. 21) e segundo André (1995), a perspectiva etnográfica permite entender como operam no dia-a-dia escolar os mecanismos de dominação e resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver, de sentir a realidade e também o mundo.

Em correspondência com as três tarefas da investigação etnográfica, temos por instrumentos: a observação participante, a entrevista e a análise documental, conforme propõe Sarmento (2003).

A observação participante é uma técnica muito utilizada nas pesquisa de campo, principalmente, quando se deseja analisar um determinado grupo social e práticas institucionais. A observação participante, segundo Ludke, André (1986, p. 26).

[...] permite também que o observador chegue mais perto “da perspectiva do sujeito”, um importante alvo nas abordagens qualitativas, na medida em que observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca as suas próprias ações.

Em relação às entrevistas, a proposta foi de realizar entrevistas do tipo semi-estruturadas que se assemelham a uma conversa informal na qual a pessoa entrevistada tem a liberdade de expressar aquilo que sente sobre as questões levantadas tendo oportunidade de emitir perguntas e esclarecer dúvidas. Nesse instrumento de pesquisa, conforme afirma Tura (2003, p. 199).

[...] entrevistas semi-estruturadas [...] não há uma seqüência muito estandardizada nem um controle rígido da postura do entrevistador, o que permite que se mantenha uma comunicação mais livre entre o pesquisador e o entrevistado e que se realizam acertos de rota diante de situações inesperadas.

Contudo, Zago (2003) ressalta que a margem de liberdade necessária à produção do discurso não corresponde a uma condução totalmente livre da entrevista. Assim,

[...] a flexibilidade faz parte da lógica do método qualitativo e da entrevista compreensiva, mas é importante demonstrar, na sua condução, aonde o pesquisador quer chegar. Daí a importância de termos um ponto de partida e garantirmos essa condição mediante roteiros de questões. Em minhas pesquisas organizo temas e, dentro destes, questões mais específicas. Esse processo auxilia na definição da problemática, ajuda a hierarquizar assuntos ou temas, separando o que é central do que é periférico na investigação” (p. 303)

Os temas centrais das entrevistas com as professoras, diretora substituta (o diretor está de licença por tempo indeterminado), coordenadora pedagógica e funcionárias (o) foram: educação, direitos humanos, cidadania, democracia, educação em direitos humanos,

possibilidades ou dificuldades de desenvolvê-la e percepção da realidade que cerca a escola e o papel dessa como instituição socializadora. A proposta da realização de entrevistas consistiu em apreender as concepções de educação em direitos humanos e, desse modo, perceber quais as possíveis semelhanças e divergências nas concepções das pessoas que trabalham na escola e que de alguma forma contribuem para o “clima escolar” que acreditamos influenciar na construção da identidade das crianças, futuras cidadãs.

Todas as entrevistas seguiram o mesmo roteiro variando apenas algumas perguntas de acordo com a função exercida na escola. Houve permissão pra que pudesse utilizar o gravador.

Ressaltamos que durante as entrevistas foram garantidos o anonimato e o sigilo ao informante e à unidade escolar, como também respeito às opiniões e às idéias, conforme indicam Ludke, André (1986). Para identificação das pessoas entrevistadas utilizamos pseudônimos, uma vez que, priorizamos a perspectivas dessas na pesquisa e também por acreditar que mencioná-las utilizando números ou letras estaria negando as suas condições de sujeitos históricos e sociais relegando ao anonimato suas identidades. Já para mencionarmos as crianças no relatos de observação, optamos por três letras maiúsculas retiradas de seus nomes verdadeiros e dispostas aleatoriamente porque são muitas crianças e pseudônimos poderia coincidir com o nome de outras crianças

No que se refere à análise documental, segundo Ludke, André (1986), os documentos constituem uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações ou declarações do pesquisador.

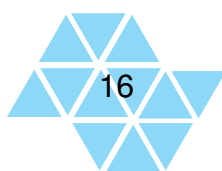
Ainda de acordo com essas autoras a análise documental é muito útil “quando se pretende ratificar e validar as informações obtidas por outras técnicas de coleta, por exemplo, a entrevista, o questionário ou a observação”(idem).

Nessa primeira fase da pesquisa tivemos a oportunidade de fazer uma análise do Regimento Escolar que poderá subsidiar informações a respeito das características da escola.

PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES DO COTIDIANO ESCOLAR: PERCEPÇÃO DOS RELATOS, RELAÇÕES E COMPORTAMENTOS

No decorrer do desenvolvimento da pesquisa, em determinado momento, uma professora relatou o seu sofrimento com a turma do ano de 2006.

No ano passado eu sofri muito com a minha turminha, eu tinha uma aluninha que puxava os meus cabelos até o joelho, prendia o cabelo, mas a franja sempre soltava, aqui ó (parte do tornozelo) era tudo roxo, só fui conseguir a atenção da classe e em especial dela no mês de agosto e por causa da indisciplina não consegui desenvolver sequer os conteúdos. É muito difícil porque o meu diretor só foi me dar um respaldo quando a aluna me agrediu, começou a se debater no chão e eu pedi a um aluno que o fosse chamar. Daí ele veio, pegou ela, colocou no carro e a levou pra casa. Ele fez isso umas três vezes até que ela parou.



Aproveitei a oportunidade para perguntar à professora o que era pré-conselho que aconteceria por aqueles dias na escola e não sabia do que se tratava. Ela respondeu:

No pré-conselho a gente tem que preencher alguns dados e a coordenadora também. É um momento para cada professora falar de suas dificuldades, obterem orientação, mas infelizmente não é o que acontece [...] consegue falar de um ou até dois alunos e só. A autonomia é tanta que não temos nenhum respaldo por parte da direção e coordenação. No ano passado por causa dos problemas fiz algumas sugestões, mas infelizmente não houve aceitação. Esse ano você me viu sugerir no HTPC, mas não deram atenção novamente [...]

Questionei, nesse momento, onde ela encontrava respaldo para suas dificuldades.

[...] meu respaldo é a faculdade (apontando-me os livros), porque não tenho nada da direção da escola, por isso fico frustrada porque não consigo colocar em prática o que aprendo na faculdade. Ano passado trabalhei apenas umas três, quatro aulas com o material dourado porque as crianças não entendiam a brincadeira do jogo e ficavam se agredindo. As brincadeiras, tudo! É na base de brigas.

Em alguns momentos deparei-me com situações que suscitaram várias interrogações. Por exemplo, estando as alunas e os alunos agitados na sala de aula a professora Mariana chamou a diretora substituta que ameaçou chamar o pai do AOJ caso ele não se comportasse. Observei que o menino quietou-se. Semanas depois, na hora da entrada a prof^a Lucimara contou-me que o AOJ no dia anterior estava muito carente querendo ir naquele dia à escola alegando que sua vida poderia acabar caso ficasse em sua casa.

“Como ele é levado combinei com ele que ficasse quieto, fizesse as atividades e depois fosse conversar com a Olga para permitir que ele viesse”

Continuou: “Ele fez tudo bonitinho precisa ver e foi lá e mostrou pra Olga (diretora substituta). A Olga disse que ela iria salvar a vida dele apenas daquela vez”.

Confesso ter ficado sem entender o motivo pelo qual a vida do aluno acabaria caso ficasse em casa. No entanto, na hora do recreio, na sala das professoras, a Mariana contou que na semana anterior ele estava com hematomas pelo corpo de tanto que tinha apanhado. Numa outra conversa informal Lucimara disse que quando ele recebe uma advertência e a mostra em casa apanha da mãe e apanha de novo quando o pai chega a noite do serviço. Por isso ele não queria ficar em casa de advertência. Disse que ficou com pena quando ele pediu a ela que o deixasse ir à escola no dia seguinte e daí sugeriu dele conversar com a diretora mostrando as atividades que havia feito com capricho. E, enfatizou: “não adianta deixar a criança em casa porque ela volta mais revoltada e acaba por descontar nas outras crianças. É necessário sensibilidade da direção e das professoras”.

Nessa e em outras situações parecidas perguntava-me se a escola não teria um outro caminho que não advertência ou bilhete para casa, uma vez, que tinha conhecimento que a

criança seria punida fisicamente.

Nas observações outro aspecto chama-me muito a atenção, a forma não só das crianças resolverem seus problemas como também as brincadeiras que praticam. A violência de alguma forma parece estar sempre presente, além da violência verbal quando xingam uns aos outros de burro, idiotas, se dirigem uns aos outros com palavrões, discriminam uns aos outros por não ter o que comer em casa, ser pobre (fazendo gozações) ou por sua etnia.

Infelizmente a professora Mariana não percebeu quando a aluna sentada em frente a sua mesa levantou-se e se pôs a desenhar uma colega na lousa. Enquanto desenhava dizia que o cabelo da colega era grande, ruim que não penteava o cabelo e era feia (a menina até então parecia não se incomodar), até que a colega terminando de desenhá-la na lousa disse: “Olha gente como a MEY é feia”. Alguns alunos e alunas olharam pra ver e alguém perguntou: “porque ela é feia?” a colega respondeu: “ Porque ela é negra e pobre”. Todos riram. A menina respondeu com agressão verbal (palavrões).

A respeito das brincadeiras, transcrevo algumas anotações do meu caderno de campo:

“Hoje na hora da entrada dois alunos estavam brincando de se enforcar. Mãos no pescoço apertando até que um desista” (14/04/07)

“Um menino e uma menina brincam... tiram par ou ímpar. O vencedor (a) dá um tapa (dedo indicativo e médio) no pulso do que perdera. Assim prosseguiam até doer e um desistir. Mas logo voltavam a brincar novamente”(03/05/07)

Indo para a sala da terceira série após o recreio, a professora abriu a porta para os alunos e alunas entrarem quando percebeu que R\$ 1.00 havia caído do seu bolso e voltou-se para pegá-lo, mas um aluno que achou disse que era dele. Nesse curto intervalo de tempo um aluno da quarta série entrou e agrediu um aluno e o empurrou. O aluno bateu com a cabeça na quina da carteira. Criou-se um alvoroço com as outras crianças. A professora percebeu o tumulto e foi socorrê-lo. Antes, porém, caminhou em direção ao aluno agressor esclarecendo que ele não poderia entrar na sala dela daquela maneira e agredir um de seus alunos. Ele apenas sacolejou os braços respondendo: “Ele mexeu comigo”.

Outro dia, na hora da saída, reparei quando um aluno pegou o outro pelo colarinho levando-o até a sala da terceira série dizendo: Fulano, foi esse moleque que bateu no seu irmão?” (Um aluno lá de dentro gritou confirmando). Ele então, pegou o colega puxando para o fundo do corredor da escola dizendo-lhe: “Não folga mais não, irmão. Da próxima, a gente mata você”. Chamou outros colegas e segurou firme o menino para que pudessem bater nele. O menino começou a gritar desesperadamente e logo duas professoras surgiram e os apartaram.

Admito que me espantei diante daquele cena. Quem eram aquelas crianças? Por que tanta violência? Será que vinha de casa, conforme diziam algumas professoras?

A professora Lucimara em uma conversa falou:

a educação hoje é diferente, você não pode ficar só no conteúdo, para essas crianças é preciso oferecer algo mais e daí se você não oferece

fica difícil você ter sucesso no seu trabalho porque quem são essas crianças? Na maioria mora só com a mãe ou com os avós porque os pais estão no presídio... os irmãos na FEBEM..., vivem uma realidade difícil e as vezes o que precisam é de um pouco de atenção...

No entanto, a apreensão de algumas falas espontâneas parece revelar a “intolerância” das pessoas envolvidas diretamente com as crianças, por exemplo, quando numa quarta série o aluno disse numa resposta um palavrão para sua colega. A professora voltando-se pra ele disse: “Você deveria ser expulso da escola porque a escola não é lugar para você. Com certeza você aprendeu isso em casa”

Também por causa de “indisciplina” a professora da terceira série intimidou o aluno perguntando se queria levar suspensão como outros quatro tinham sido suspensos por causa de briga na sala de aula.

Essa mesma professora em uma aula de educação física comentou comigo sobre o aluno que agredira o seu aluno, era gêmeo com o aluno da outra quarta série e a mãe queria apenas um deles e acrescentou: “não entendo porque ela quer apenas um se os dois são terríveis” (Júlia).

Num certo dia, na sala das professoras, ouvi a diretora substituta contar que a escola de uma amiga estava tão terrível que a mesma tinha comprado água benta para jogar na escola. A professora Júlia comentou então, que para a sua classe seria necessário muitos litros de água benta para solucionar os problemas que tinha.

Após realizar a entrevista com a coordenadora, o professor de música aproximou-se de mim na sala das professoras querendo saber mais sobre a pesquisa. Conversando perguntei quantas crianças participavam do projeto e se tinha crianças dos dois períodos. Respondeu-me que as crianças da manhã foram dispensadas “as crianças do período da manhã são indisciplinadas não têm postura nem educação, não fica na sala, não tem coordenação motora nenhuma. Me deixavam louco”.

É válido atentar, porém que a postura da professora Joseane chama minha atenção:

Embora o tom de voz alto seja constante a professora sempre procura conversar (dialogar) com as crianças principalmente em relação aos problemas da sala (quando um bate no outro), estimula o diálogo pedindo para cada um se colocar no lugar do outro e vai questionando. Em caso de “furtos” de material, ela ensina que se deve pedir emprestado e que o colega tem o direito de não emprestar, mas que não custa nada ajudar o amigo emprestando-lhe algum material., além de ter zelo pelas coisas dos outros. Ela sempre elogia quem age de maneira correta” (CADERNO DE CAMPO, 2007).

Certa vez, um aluno viu o colega mexendo na sua bolsa e disse que iria bater nele. A professora escutou perguntando quem iria bater em quem. O aluno se apresentou e justificou o motivo. Logo em seguida, a professora sugeriu a ele que colocasse a bolsa na frente na sala porque assim ninguém mexeria e ele não precisaria bater em ninguém. O aluno concordou rapidamente.

Conforme já foi relatado anteriormente as crianças costumam brincar de “lutinha”, e, a professora aproveitou uma situação do recreio em que essa brincadeira deixou a TES machucada pelo seu colega para fazer uma roda de conversa, no final as crianças foram levadas a refletir sobre essa brincadeira e perceberam que ela não era saudável.

Outra atitude dessa professora que me chamou novamente a atenção diz respeito à conversa que teve com as suas crianças em relação à atividade de educação física que elas se recusaram a participar. Ela explicou a importância da participação na brincadeira e o cumprimento das regras porque, uma vez que, elas cumprissem as regras propostas e achassem que a aula não era “legal” teriam toda liberdade de chamarem a professora de educação física e dizer que não gostavam da brincadeira e pedir à ela que trocasse a atividade. Agindo assim, ressaltou que a professora não iria ficar chateada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para uma posição mais crítica em relação a educação em direitos humanos é necessária uma análise mais pormenorizada do conteúdo de coleta de dados em andamento.

No entanto, é possível afirmar, pelo que foi relatado, que a educação em direitos humanos exige tomada de uma postura política consciente por parte daquelas (es) que educam porque “ninguém pode ensinar verdadeiramente se não se ensina alguma coisa que seja verdadeiramente ou válida aos seus próprios olhos” (FORQUIM apud GABRIEL, 2000, p.17).

A escola deve construir uma prática pedagógica coerente com suas atitudes, propiciar às crianças a possibilidade de aprofundar a consciência de sua própria dignidade, a capacidade de reconhecer o outro como sujeito de direitos, de vivenciar a solidariedade, a igualdade na diferença e a liberdade, ou seja, um clima social escolar que possibilitará a formação de futuros cidadãos e cidadãs comprometidas com a construção de uma sociedade mais justa e solidária.

REFERÊNCIAS

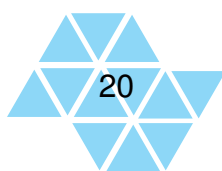
ALVES, J. A. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação: Cadernos de Pesquisa, nº 77, maio 1991.

ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da prática escolar. 3.ed. Campinas: Papirus, 1995. (Série Prática Pedagógica).

BENEVIDES, M. V. Educação em direitos humanos: de que se trata? In: BARBOSA, R. L. L. B. (Org.). Formação de educadores: desafios e perspectivas. São Paulo: Editora UNESP, 2003. p. 309-318.

BENEVIDES, M. V. Educação para a cidadania e em direitos humanos. In: Encontro Nacional de didática e prática de ensino, 9. Anais. Olhando a qualidade do ensino a partir da sala de aula. Águas de Lindóia: FEUSP, v.2, p.165-177, 1998.

BENEVIDES, M. V. Educação para a democracia. In: Revista Lua Nova. São Paulo, n. 38, p. 223-235., 1996.



BRANDÃO, E. C. Direitos Humanos. In: BRANDÃO, E. C. (Org.). Direitos e integridade humana. Maringá: UEM, 2002p. 25-34.

BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. Plano nacional de educação em direitos humanos. Brasília, 2003. 52p.

BRASIL. Ministério da Justiça. Plano nacional de direitos humanos II. Brasília: Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, 2002.

DALLARI, D. A. Um breve histórico dos direitos humanos. In: CARVALHO, J. S. (Org.). Educação, cidadania e direitos humanos. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 19-42.

DORNELLES, J. R. Pontos para uma reflexão sobre a educação em direitos humanos.Net. Disponível em: <<http://www.mj.gov.br/sedh/edh/ciedh-text/JoaoRicDornelles.pdf>> Acesso em abril de 2006.

FESTER, A. C. R. Reflexões sobre a formação do educador em direitos humanos no ciclo básico.Palestra proferida no Simpósio durante o I Congresso Interamericano de Educação em Direitos, Brasília, Set. 2006. Disponível em:<<http://www.mj.gov.br/sedh/edh/ciedh-text/AntCarlosFester.pdf>> Aceso em fevereiro de 2007.

GABRIEL, C. T. Escola e cultura: uma articulação inevitável e conflituosa. In: CANDAU, V. M. (Org.). Reinventar a escola. Rio de Janeiro: Vozes, 2000. p. 17-46.

HORTA, M. M. R. Educar em direitos humanos: compromisso com a vida. In: CANDAU, V.; SACAVINO, S. (Org.). Educar em direitos humanos: construir democracia. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p.125-139.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MORGADO. P. P. Práticas pedagógicas e saberes docentes na educação em direitos humanos. Net. Disponível em <<http://www.anped.org.br/reunioes/25/patriciaolimamorgadot04.rtf>> Acesso em abril de 2006.

SARMENTO, M. J. O estudo de caso etnográfico em educação. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 137-179.

TURA, M. L. R. A observação do cotidiano escolar. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 183-206.

ZAGO, N. A. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, N.; CARVALHO, M. P.; VILELA, R. A. T. (Org.). Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia da educação. Rio de Janeiro: DP & A, 2003. p. 287-309.

ZENAIDE, M. N. T.; TOSI, G. O que é educação para a cidadania? (2004). Net. Disponível em: <http://guiuseppetosi.kataweb.it/guiseppetosi/2005/09o_que_e_educa.html> Acesso em julho de 2005.